

O uso de tabuleiro no ensino de jogadas ensaiadas a praticantes de futsal

(The use of a board to teach rehearsed moves to indoor soccer players)

Henrique Bayer^{*}, Verônica Bender Haydu^{*,,***} Wilton Carlos de Santana
& Silvia Regina de Souza^{**,****1}**

^{*}Universidade Estadual de Londrina, ^{**}Universidade Estadual de Londrina
^{***}Bolsista Produtividade Fundação Araucária,
(Brasil)

RESUMO

Os objetivos do estudo consistiram em adaptar um tabuleiro (“jogo de botões”) para ensinar jogadas ensaiadas no futsal; comparar o desempenho de treinadores no ensino de jogadas ensaiadas com diferentes graus de dificuldade, em um ambiente estruturado de ensino (tabuleiro) e na quadra de futsal; e comparar o desempenho de crianças praticantes de futsal na execução de jogadas ensaiadas nessas duas condições. Participaram três treinadores e 15 atletas. Inicialmente, as jogadas foram categorizadas e distribuídas entre os treinadores. Durante as sessões, houve o ensino de como usar o tabuleiro e de como executar as jogadas na quadra. Observou-se que treinadores ensinaram corretamente as jogadas ensaiadas em ambas as condições (tabuleiro e quadra), e que os jogadores não demonstraram diferença no número de tentativas para aprender as jogadas quando se comparam as condições de tabuleiro e de quadra. Na condição tabuleiro, os treinadores apresentaram menos instruções técnicas parciais e críticas e emitiram mais elogios do que na condição de quadra. Os dados permitem sugerir que o tabuleiro é um recurso apropriado para o desenvolvimento de comportamentos pré-requisitos em quadra.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, futsal, jogada ensaiada, Psicologia do Esporte, treinadores

ABSTRACT

The aims of the study consisted in adapting a board game (button soccer) to teach rehearsed indoor soccer plays; to compare the performance of the coaches in teaching rehearsed plays with different degrees of difficulty, in a structured learning environment (board), and in an indoor soccer court; and to compare the performance of children that play indoor soccer in the execution of rehearsed plays in these two conditions. Three coaches and 15 athletes participated in the study. Initially, the rehearsed plays were categorized, and

1) Endereço para correspondência: Silvia Regina de Souza: Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento/ Universidade Estadual de Londrina. Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, KM 380 Caixa Postal 6001. Cep 86051-990 Londrina/PR – Brasil E-mail: ssouza@uel.br

distributed among the coaches. During the sessions, there was the teaching of how to use the board, and how to execute the moves. It was observed that coaches properly taught the rehearsed plays on both conditions (board game and court), and the players showed no difference in the number of trials to learn the moves when board game and court conditions are compared. In the board game condition, coaches presented less partial technical instructions and critical comments, and dispensed more compliments than in the court condition. The findings suggested that the board game is an appropriate resource to develop pre-required court behaviors.

Keywords: Behavior analysis, indoor soccer, rehearsed plays, Sports Psychology, coaches

Durante o treinamento esportivo, o treinador é conhecido pela sua função de ensinar aos atletas um repertório comportamental específico para cada tipo de esporte. Em modalidades coletivas como o futebol, basquete e futsal, o emprego de jogadas ensaiadas é frequente. O futsal, modalidade alvo deste artigo, é classificado como jogo esportivo coletivo de cooperação-oposição, jogado por 10 jogadores (cinco versus cinco), que compartilham um espaço de jogo comum e têm participação simultânea sobre a bola (Hernández Moreno, 1998). O treinador, com suas explicações e tipos de treino, influencia a maneira de os jogadores atuarem taticamente nos diferentes momentos do jogo (Tavares, 1996). Uma das formas de fazê-lo é selecionando algumas jogadas, a partir de situações específicas como as bolas paradas de laterais, faltas e escanteios (Santana, 2008), e ensaiá-las. Dados de pesquisa apontam que o uso dessas jogadas aumenta as chances de gols ou pontos (Cillo, 2002; Fukuda & Santana, 2012). Fukuda e Santana (2012), por exemplo, constataram que um quarto dos gols feitos em jogos das quartas-de-final da Liga Futsal Brasileira de 2011 se originaram desse tipo de jogada.

Jogada ensaiada pode ser definida como o repertório comportamental resultante do treino de comportamentos sucessivos ou simultâneos de um ou mais jogadores, a partir de determinadas características dos comportamentos dos adversários, das regras da modalidade e do espaço físico disponível (Cillo, 2002). A emissão do comportamento de um atleta nessa situação depende, tanto de aspectos como a posição do time adversário e dos atletas da mesma equipe, quanto do fato de a bola estar ou não com ele. O comportamento tático durante treinamento e jogo, no futsal, foi investigado por autores como Marques Junior e Silva (2008) e no que se refere ao ensino de jogadas ensaiadas, destacam-se os estudos de Cillo (2002) e Ferreira (2011), ambos realizados com jogadores de basquete.

Interessado na análise de jogo, com ênfase em comportamentos envolvidos nas jogadas de ataque no basquetebol, Cillo (2002) avaliou o desempenho tático dos jogadores de um time, destacando jogadas ensaiadas de ataque e sua relação com a produção de resultados. Participaram desse estudo 11 jogadores. Inicialmente, foram cedidas, pelo técnico, planilhas com 18 modelos de jogadas ensaiadas. O pesquisador selecionou 10 dos 18 modelos para serem observados durante a coleta de dados e foram filmados 47 jogos durante uma temporada, registrando-se, simultaneamente, as jogadas em vídeos e manualmente em folhas de registro. Em seguida, a análise dos jogos foi feita considerando o número de ocorrências de cada jogada, os resultados produzidos e o posicionamento inicial dos jogadores logo após a instrução da jogada. Foram identificadas 64 jogadas passíveis de análise durante os jogos, sendo que 24 produziram pontos diretamente, 17 possibilitaram continuidade de posse de bola e em 23 houve perda de bola sem pontuação. Constatou-se, ainda, que os jogadores que finalizavam mais vezes as jogadas foram os que atenderam às instruções no referente à posição inicial. Com relação à escolha das jogadas a serem realizadas, em razão do tipo de marcação, os armadores acertaram em 58 das 64 oportunidades; a maioria dos erros deveu-se a uma inadequação dos comportamentos de marcar ocorrida durante a jogada. Outro dado que chama atenção diz respeito à realização da jogada ensaiada: 64% das jogadas ensaiadas produziram pontos ou a possibilidade de pontuar.

Os resultados obtidos por Cillo (2002) evidenciaram a importância de conduzir estudos nos quais jogadas ensaiadas sejam treinadas. Interessada nesses resultados, Ferreira (2011) avaliou os efeitos de um

programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos verbais emitidos por um treinador de basquete no ensino de uma jogada ensaiada para atletas cadeirantes. Participaram dessa pesquisa, um treinador e 10 jogadores com idades entre 16 e 41 anos. A pesquisa foi dividida em cinco etapas. Na Etapa 1, foi selecionada a jogada a ser ensaiada durante os treinos; na Etapa 2, foram elaboradas as categorias para a análise do comportamento verbal do treinador. Na Etapa 3, correspondente à linha de base, foram filmadas cinco sessões de treino, calculando-se a taxa de emissão de instruções, encorajamento, correções, elogios e punições fornecidas aos atletas pelo treinador, além de serem registrados alguns aspectos da jogada (se ela foi realizada, o número de vezes etc.) e o comportamento dos jogadores que compunham a jogada. Na Etapa 4 (intervenção), o treinador passou por três sessões de capacitação e os treinos continuaram a ser filmados e categorizados, como na linha de base. A Etapa 5 (pós-intervenção) foi semelhante em estrutura à Etapa 3. Verificou-se que houve diminuição nas taxas de verbalizações fornecidas pelo treinador para as categorias de instrução, com e sem descrição de consequência, punição e correção. Apesar da redução na taxa de instruções, esse tipo de verbalização ocorreu com alta frequência ao longo de todo o estudo. Esses dados são semelhantes aos obtidos por Macedo e Souza (2009), que analisaram os comentários feitos por quatro treinadores de categorias de base (Sub-7, Sub-11 e Sub-15) de equipes filiadas a uma Liga de Futsal, durante nove jogos competitivos. Após categorização dos comentários, verificou-se que para todas as categorias analisadas, a porcentagem de instruções foi maior (acima de 60%) que a de comentários categorizados como reforçadores, motivadores, corretivos e irônico-repressivos.

Com relação às categorias de elogio e de encorajamento, Ferreira (2011) demonstrou que houve um pequeno aumento na taxa de respostas, o que foi semelhante aos resultados obtidos por Belineli et al. (2012). Os elogios como consequência de comportamentos fortalecem os comportamentos alvo e podem se caracterizar como reforços positivos (Skinner, 1953/1981; Martin, 2001). Reforçar os esforços e não somente os resultados positivos e a apresentação de encorajamento após erros pode propiciar um ambiente mais divertido para o aprendizado. Quanto à jogada ensaiada, verificou-se que os jogadores a executaram corretamente um maior número de vezes com e sem a presença de jogadores fazendo a defesa.

As pesquisas de Cillo (2002) e Ferreira (2011) demonstram pontos importantes que merecem ser destacados. Os resultados obtidos por Cillo (2002) indicam que as chances de fazer pontos foram maiores quando os jogadores se movimentaram e se posicionaram nos jogos de acordo com o que havia sido treinado. Porém, nesse estudo, não houve uma preocupação direta com o treino da jogada ensaiada nem com a capacitação do treinador. Os dados obtidos por Ferreira (2011) sugerem a necessidade de estudos que visem a capacitação do treinador, especialmente no que diz respeito ao ensino da jogada ensaiada, uma vez que os atletas apresentaram melhora de desempenho nas jogadas.

Os resultados de outras pesquisas (e.g., Lima & Souza, 2009; Smith & Smoll, 1991; Smith & Ward, 2006; Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches, & Viladrich, 2006) também confirmam a importância de se capacitar treinadores, uma vez que a maneira como eles se comportam pode afetar a participação dos atletas em esportes, principalmente quando se trata de iniciação esportiva. Além da comunicação entre treinadores e atletas, a capacitação de treinadores deveria, ainda, enfatizar as estratégias de treinamento empregadas por eles. São muitas as estratégias de treinamento que podem ser usadas pelos treinadores, em especial pelos treinadores de futebol de campo e de futsal (Moreira & Greco, 2005). Segundo Graça (1997), os últimos 20 anos foram os melhores para atletas e treinadores, tanto no que diz respeito à evolução do comportamento de treinar no futebol, quanto à bibliografia sobre o assunto. As sessões de treino modernizaram-se, deixaram de ser repetitivas e passou-se a investigar as mais diversas variáveis que podem ter chances de facilitar o aprendizado de atletas, melhorando, assim, seu desempenho (e.g., Leite, 2012).

Sobre a importância da modernização da metodologia de treinamento, Costa e Nascimento (2004) afirmam que os treinos para o ensino de novos comportamentos táticos devem apresentar um contexto de cooperação-oposição (atacantes versus adversários) e situações-problema do tipo que ocorrem em uma par-

tida. Esses autores defendem tanto o tradicional uso da prancheta técnica (uma prancheta com uma ou mais folhas de papel impressas com desenho da quadra, na qual o treinador desenha a jogada ensaiada ou outras instruções para os atletas a fim de facilitar a visualização e o ensino de jogadas) quanto o uso de sofisticadas tecnologias como *softwares* para o desenvolvimento, por exemplo, de uma nova jogada ensaiada. Pensar na modernização da metodologia de treinamento é especialmente importante quando se trabalha com jovens atletas, pois embora as sessões de treino tenham se modernizado, ainda hoje, em muitos locais com poucos recursos financeiros, as sessões de treino são realizadas de maneira semelhante às realizadas entre os anos de 1950 e 1970: baseadas na execução de exercícios a fim de memorizar e repetir técnicas, tornando-as pouco estimulantes e exaustivas (Graça, 1997; Polidoro, Bianchi, di Tore, & Raiola, 2013).

Embora a repetição possa ser um fator importante, quando se trata de crianças ou jovens atletas, outras estratégias devem ser empregadas, já que muitos poderão ficar entediados com esse tipo de sessão de treino. Diante dessa questão e em vista do caráter motivacional de jogos de tabuleiro (Canto & Zacarias, 2009; Souza & Hübner, 2010), formulou-se a questão do presente estudo: um jogo de tabuleiro (“jogo de botões”) poderia ser empregado como recurso para o ensino de aspectos técnico-táticos pelos treinadores de futsal? A possibilidade de aplicação desse tipo de jogo como ferramenta auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem, e a dificuldade de se encontrar na bibliografia do esporte estudos desse gênero, levou à formulação dos objetivos do presente estudo que consistiriam em: (a) adaptar um tabuleiro (“jogo de botões”) para o ensino de jogadas ensaiadas no futsal; (b) comparar o desempenho de treinadores no ensino de jogadas ensaiadas com diferentes graus de dificuldade, em um ambiente estruturado de ensino (tabuleiro) e na quadra de futsal; e (c) comparar o desempenho de crianças praticantes de futsal na execução de jogadas ensaiadas nessas duas condições.

MÉTODO

Participantes

Três treinadores graduados em Educação Física com pelo menos cinco anos de experiência no ensino do futsal e 15 atletas do sexo masculino, com idades entre 8 e 9 anos, pertencentes à categoria Sub-9 e que praticavam o futsal há mais de 6 meses. Um treinador e sua equipe pertenciam a uma escola privada do interior do Estado do Paraná (Brasil) e os outros dois treinadores e seus jogadores pertenciam a dois clubes diferentes, também do interior do Paraná. Todas as equipes participavam de campeonatos e pertenciam às melhores equipes de seu colégio ou clube.

Local e Materiais

A coleta de dados foi realizada nas quadras de treino dos participantes, no colégio e/ou clubes onde treinavam, em horários previamente combinados com o treinador responsável e os atletas. Durante as sessões com o tabuleiro, esse era colocado em cima de uma mesa ao lado da quadra de treino, na mesma posição da quadra, tomando como referência os gols. O tabuleiro adaptado tinha as seguintes dimensões: 55 cm de altura e 85 cm de largura, e possuía 15 botões grandes personalizados, um pequeno usado como bola e duas travessas. A letra inicial do nome de cada atleta foi colada nos botões grandes para personalizá-los. A Figura 1 apresenta o tabuleiro à esquerda e um exemplo de botão personalizado à direita.

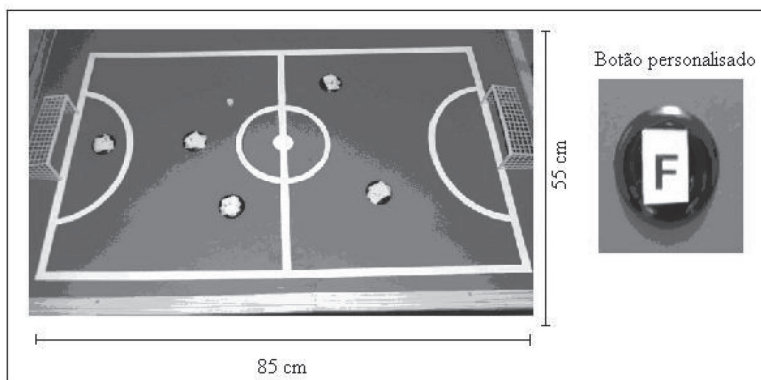


Figura 1. Tabuleiro adaptado e um botão personalizado usado durante a pesquisa.

Procedimento

Após o contato com os responsáveis pelo colégio/clubes e com os treinadores, realizou-se uma reunião com eles, na qual foram informados pelo pesquisador que o objetivo da pesquisa era avaliar o efeito do uso de um jogo de tabuleiro no desenvolvimento do ensino de jogadas ensaiadas. Em seguida, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido por eles e as dúvidas esclarecidas. Finalmente, após a autorização dos responsáveis pelas instituições e a assinatura do Termo (aprovado pelo Comitê de Ética com Humanos da instituição dos autores), foi feita uma reunião com os pais dos atletas, na qual os objetivos da pesquisa foram explicados. Os pais, que consentiram a participação dos filhos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as sessões com os treinadores, bem como as sessões de avaliação das jogadas ensaiadas na quadra e por meio do tabuleiro, foram filmadas para posterior análise. Durante as sessões na quadra o pesquisador posicionou a filmadora na lateral da quadra de maneira que fosse possível visualizar toda a fase de ensino e execução da jogada. O estudo foi composto por quatro etapas, descritas a seguir.

Etapa 1. Seleção, categorização e distribuição dos treinadores e das jogadas ensaiadas. Inicialmente, pediu-se a um especialista em futsal que elaborasse seis jogadas ensaiadas a serem ensinadas aos atletas. As jogadas deveriam ter três graus de dificuldade diferentes: duas fáceis, duas com grau médio e duas difíceis. Para classificar o grau de dificuldade de cada jogada considerou-se a quantidade de comportamentos envolvidos na jogada, bem como a topografia das respostas requeridas para executá-las. Como exemplo de uma jogada fácil cita-se: (a) o Atleta A na lateral chuta a bola para o atleta B; (b) o Atleta B passa a bola para o pivô C; (c) quando o pivô (Atleta C) recebe a bola, ele a segura com os pés e o Atleta A chuta a bola em direção ao gol. Como exemplo de uma jogada com grau médio de dificuldade cita-se: (a) o Atleta A chuta a bola da lateral da quadra para o Atleta B; (b) o Atleta B chuta a bola para o pivô (Atleta C), que veio da marca do pênalti para a lateral esquerda; (c) quando o Atleta C recebe a bola, o Atleta A corre por trás do Atleta B; (d) depois que o Atleta A correr por trás do Atleta B até a marca do pênalti, o Atleta C toca para que o Atleta A chute para o gol. Como exemplo de uma jogada difícil cita-se: (a) o goleiro chuta a bola para o Atleta A; (b) quando o Atleta A receber a bola do goleiro, ele se desloca da lateral para a marca do pênalti; (c) o Atleta A chuta a bola para o Atleta B e vai em direção ao meio de campo; (d) o Atleta B devolve a bola para o atleta

A; (e) o Atleta A toca a bola para o Atleta C que está no fundo da quadra; (f) o Atleta C chuta a bola para o pivô (Atleta D); (g) o pivô (Atleta D) chuta a bola em direção ao gol.

Seis folhas com o desenho esquemático de uma quadra de futsal foram entregues ao especialista para ele desenhar cada jogada. Com base nesses desenhos, a movimentação de cada atleta em cada tipo de jogada foi representada em um esquema impresso. Esses esquemas foram usados durante a demonstração das jogadas, para avaliar se durante os jogos a jogada era executada corretamente e para fornecer o *feedback* sobre o ensino da jogada ao treinador.

Após a descrição de cada jogada ensaiada, foi iniciado o procedimento com os treinadores e suas equipes. Cada treinador e sua equipe foram submetidos a diferentes sequências dos seis tipos de jogadas que eram: a jogada fácil, com ensino direto na quadra (JFQ); a jogada fácil com ensino por meio do tabuleiro (JFT); a jogada média com ensino direto na quadra (JMQ); a jogada média com ensino por meio do tabuleiro (JMT); a jogada difícil com ensino direto na quadra (JDQ) e a jogada difícil com ensino por meio do tabuleiro (JDT). O ensino das jogadas ensaiadas ocorreu de acordo com a sequência descrita a seguir. Treinador 1: (a) JFQ, (b) JFT, (c) JMQ, (d) JMT, (e) JDQ, (f) JDT. Treinador 2: (a) JDQ, (b) JDT, (c) JMQ, (d) JMT, (e) JFQ, (f) JFT. Treinador 3: (a) JMQ, (b) JMT, (c) JFQ, (d) JFT, (e) JDQ, (f) JDT. Cada treinador foi exposto a uma sequência diferente das jogadas com a finalidade de controlar, no momento da análise dos dados, o efeito da ordem do ensino das jogadas com diferentes graus de dificuldade. Todos os treinadores iniciaram com as jogadas na quadra. Isto foi feito a fim de minimizar os efeitos das instruções do pesquisador, no momento do ensino com o tabuleiro, quando a jogada era ensinada na quadra. O ensino da jogada na quadra era realizado da maneira como o treinador estava acostumado a fazer, isto é, com o uso de instruções.

Etapa 2. Ensino e avaliação da jogada na quadra. Ensino da jogada na quadra pelo treinador. Inicialmente, solicitou-se aos treinadores que ensinassem a primeira jogada da sua sequência, que no caso do Treinador 1 era JFQ, no caso do Treinador 2 era JDQ e no caso do Treinador 3 JMQ, da maneira como ele usualmente fazia (uso de instruções para o ensino). Para isso, o esquema com a jogada foi apresentado ao treinador e dúvidas sobre a jogada foram esclarecidas. Em seguida, os atletas foram chamados à quadra e o treinador ensinou a jogada ensaiada a eles. Para o ensino da jogada, o treinador colocou os atletas na quadra na posição inicial da jogada e pedia que eles se movimentassem de acordo com as instruções que estavam sendo dadas. Observou-se que quando um atleta errava a movimentação, o treinador corrigia e quando acertava ele elogiava seu comportamento.

Nesta etapa, a frequência de ocorrência de comportamentos dos treinadores referentes ao ensino na quadra foi registrada de acordo com as seguintes categorias previamente estabelecidas: (a) Funcionamento Geral – explicação do objetivo da atividade (ensino da jogada ensaiada) e de explicação do que é uma jogada ensaiada; (b) Uso de Procedimentos para o Ensino da Jogada – realização de modelagem (uso de reforço diferencial de respostas, com mudança gradual no critério para a liberação da consequência, de maneira que a movimentação exigida pela jogada se aproximasse cada vez mais da movimentação final desejada), modelação (dar o modelo sobre como a movimentação da jogada deveria ser realizada), instruções para o ensino da jogada (instruir verbalmente os atletas sobre como a movimentação da jogada deveria ser realizada); (c) Critérios de Proficiência – estabelecimento de critérios que permitissem avaliar se a jogada foi aprendida.

Avaliação do desempenho das crianças nas jogadas realizadas na quadra pelo treinador. Para essa avaliação, era registrado e analisado o desempenho dos jogadores de acordo com as seguintes categorias de comportamento: (a) Número de Tentativas para Atingir o Critério de Proficiência das Jogadas - número de repetições de partes ou de toda a jogada necessária para que o treinador pudesse afirmar ter havido aprendizado da jogada; (b) Número de Jogadas Corretas - quando todos os jogadores executavam corretamente todas as movimentações que cada jogada exige; (c) Número de Jogadas Incorretas - quando os jogadores erravam a movimentação ou não seguiam os fundamentos do futsal durante a jogada.

Para a elaboração das categorias comportamentais usadas para avaliar tanto o ensino quanto o desempenho dos jogadores, realizou-se uma análise de tarefa (Martin, 2001). Ou seja, o comportamento final esperado (ensino da jogada na quadra e execução das jogadas pelos atletas) foi decomposto em classes de respostas menores, necessárias para execução do comportamento final, alvo da avaliação.

Etapa 3. Ensino e avaliação da jogada com o uso do tabuleiro. Após o treino da jogada ensaiada na quadra, o treinador era instruído a ensinar a segunda jogada (Treinador 1 - JFT, Treinador 2 - JDT e Treinador 3 - JMT), com o uso do tabuleiro. Essa etapa constou de duas fases, descritas a seguir. As demais jogadas programadas para cada grupo eram realizadas na sequência especificada anteriormente.

Fase 1. Ensino aos treinadores quanto ao uso do tabuleiro. Essa etapa foi realizada individualmente, em uma sessão em que era apresentada ao treinador a jogada a ser ensinada, por meio do esquema. Em seguida, o pesquisador informava ao participante que o tabuleiro que seria usado foi desenvolvido com a finalidade de ensinar às crianças jogadas ensaiadas de uma maneira que fosse mais divertida para elas. Após a apresentação do tabuleiro, o treinador foi informado que, todas as vezes que fosse usá-lo, deveria colocá-lo em cima de uma mesa, na mesma direção da quadra, a fim de facilitar a observação da quadra e dos componentes do tabuleiro pelos jogadores. O treinador foi orientado, em seguida, a colocar as traves e a bolinha. Os botões referentes aos jogadores foram colocados no tabuleiro pelo pesquisador. Além disso, o treinador foi informado de que os botões poderiam ser personalizados para cada participante com a letra inicial de seu nome colada em cima de cada botão. Posteriormente, o pesquisador retirava todas as peças que ele colocou e pedia ao treinador que as posicionasse e movimentasse de acordo com o esquema da jogada a ser treinada. A seguinte instrução era dada: “Com as peças nas suas devidas posições eu gostaria que você realizasse a próxima jogada ensaiada que foi selecionada”. A jogada era realizada no tabuleiro e os acertos e erros cometidos pelo treinador na movimentação das peças era seguido de *feedback* fornecido pelo pesquisador. A jogada foi realizada tantas vezes quantas fossem necessárias para que o treinador conseguisse executá-la corretamente por duas vezes consecutivas, sem a presença do esquema-modelo. Feito isso, o pesquisador instruiu os treinadores que, após explicar os objetivos da aula com suas palavras aos jogadores, ele deveria reuni-los em volta do tabuleiro e explicar que cada jogador correspondia a apenas a um único botão e que cada um poderia tocar apenas no botão correspondente a ele, usando os dedos das mãos. Quanto à bolinha, essa só poderia ser tocada pelo jogador que estivesse executando a jogada no momento em que a bolinha estivesse perto dele. Dúvidas do treinador nessa fase foram esclarecidas durante o procedimento de ensino.

Fase 2. Ensino aos atletas quanto ao uso do tabuleiro. Nesta fase, os treinadores eram instruídos a reunir os jogadores e explicar os objetivos da atividade. Eles eram solicitados a depositar o tabuleiro em cima de uma mesa na mesma direção da quadra e colocar as traves, a bolinha e os botões referentes aos jogadores. Em seguida, eles eram solicitados a explicar, individualmente, por três vezes a posição inicial do jogador na jogada e a sequência de movimentos que ele deveria realizar. O jogador deveria mexer a peça dele e o treinador as demais. Cada jogador deveria executar corretamente a movimentação da sua peça por três vezes consecutivas ou cinco vezes de seis alternadas (83,5% de acerto). Os treinadores eram solicitados a explicar, também, que cada jogador devia movimentar apenas a peça correspondente a ele e que a bolinha só poderia ser tocada por aquele que estava participando da jogada naquele momento. Caso o jogador não conseguisse alcançar esse critério, o treinador repetia a instrução até que ele fosse atingido. Após ensaiar com cada um dos jogadores, o treinador solicitava que eles realizassem a jogada em conjunto até que a executassem por três vezes consecutivas sem erros ou cinco vezes em seis tentativas.

Nesta fase, a frequência de ocorrência de comportamentos dos treinadores referentes ao ensino com uso do tabuleiro foi registrada de acordo com as seguintes categorias previamente estabelecidas: (a) Funcionamento Geral, semelhante à categoria anteriormente descrita; (b) Uso do Tabuleiro - posicionamento do tabuleiro na mesma direção da quadra, colocação do tabuleiro sobre uma mesa em uma altura compatível

com a altura dos jogadores, explicação correta da função das peças do tabuleiro, indicação de jogador para uma peça no tabuleiro, posicionamento correto das peças de forma que a jogada pudesse ser iniciada; (c) Funcionamento do Tabuleiro - realização da jogada ensaiada corretamente, explicação a cada jogador de qual deve ser sua atuação durante as jogadas, explicação da movimentação de cada peça quando a jogada ensaiada for realizada por todos os jogadores em conjunto, estabelecimento e cumprimento de critérios de proficiência (número de vezes que a jogada foi corretamente realizada); (d) Uso de Procedimentos para o Ensino da Jogada, como descrito na Etapa 2. Novamente, para a elaboração das categorias comportamentais usadas para avaliar o ensino com o tabuleiro, o pesquisador decompôs o comportamento final esperado (ensino da jogada com o tabuleiro pelo treinador) em classes de respostas menores necessárias para execução do comportamento final alvo da intervenção.

Tanto na condição quadra (Etapa 2), quanto na condição ensino por meio do tabuleiro (Etapa 3, Fase 2) registraram-se, ainda, a frequência de outros comportamentos emitidos pelos jogadores não relacionados diretamente à condição de ensino, como risos, piadas, comentários não relacionados ao ensino da jogada (por exemplo, “Você viu o filme do Batman?”), usar as peças do tabuleiro antes, durante ou depois do processo de ensino para brincar e as verbalizações do treinador durante o procedimento de ensino das jogadas. As verbalizações emitidas pelo treinador foram registradas e classificadas de acordo com as categorias apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Guia de observação dos comportamentos verbais do treinador e dos jogadores durante a execução das jogadas no tabuleiro e na quadra (adaptado de Sudo & Souza, 2012)

<i>Comportamentos dos treinadores</i>		
<i>Item</i>	<i>Descrição</i>	<i>Exemplos</i>
Instruções técnicas parciais	O treinador verbaliza o que os jogadores deverão realizar durante a jogada ensaiada.	“Passe a bola para o atacante quando o meio de campo estiver voltando”
Instruções com descrição de consequências	O treinador verbaliza o que os jogadores deverão realizar durante o exercício e especifica as consequências do seguimento da instrução fornecida.	“Passe a bola para o atacante quando o meio de campo estiver voltando e ganhe mais espaço para se movimentar.”
Incentivamento	O treinador encoraja o jogador a terminar a execução da jogada e a executá-la de acordo com os critérios ou prazos.	“Vamos, vamos, vamos.” “Só mais um minutinho, vamos lá!” “Vai que você consegue!”
Críticas	O treinador faz críticas e responde de modo ríspido as perguntas e/ou utiliza expressões sarcásticas.	“Beleza, pode deixar a bola passar debaixo das pernas mesmo. No jogo também.”
Correções parciais	O treinador especifica que existe uma habilidade executada incorretamente e enfatiza apenas o que não deve ser feito.	“Não chute de três dedos.” “Não olhe para a bola quando for em direção ao gol.”
Correções com descrição de consequências	O treinador sinaliza a habilidade executada incorretamente, descreve o que o jogador não deve fazer e as consequências desse comportamento.	“Não chute de três dedos no treino senão você errará o chute na hora do jogo.”

Comportamentos dos treinadores

<i>Item</i>	<i>Descrição</i>	<i>Exemplos</i>
Elogio parcial	O treinador verbaliza elogios sem descrever o que a criança acertou.	“Isso, João!” “Boa, boa!”
Elogio descritivo	O treinador elogia e verbaliza o que a criança fez corretamente, descrevendo as consequências que ocorreram após o comportamento adequado.	“Jogou o peso do corpo legal de novo.” “Você viu como essa você pegou bem lá na frente?”
Comportamentos dos jogadores		
Outros Comportamentos	Comportamentos dos jogadores incompatíveis com o ensino	Risos, piadas. Brincar com as peças do tabuleiro.

Etapa 4. Execução da jogada ensaiada na quadra. Nessa etapa os treinadores eram instruídos a pedir aos jogadores que fossem até a quadra e executassem a jogada ensinada. Essas jogadas eram realizadas com apenas um time de cada vez (os cinco jogadores da equipe de cada treinador) sem a participação de um time de oposição. Nenhuma outra instrução devia ser fornecida pelo treinador aos jogadores. O desempenho dos jogadores foi registrado e analisado de acordo com as mesmas categorias descritas na Etapa 2 (número de tentativas para atingir o critério de proficiência das jogadas, número de jogadas corretas, número de jogadas incorretas).

RESULTADOS

Na Etapa 2 (Ensino e avaliação da jogada na quadra), o comportamento dos treinadores foi observado em relação à categoria “Funcionamento Geral” descrita previamente, tendo-se verificado que apenas o Treinador 3 explicou aos jogadores o objetivo da aula, e nenhum deles explicou o que seria uma jogada ensaiada. Com relação ao item “Procedimentos Empregados para o Ensino da Jogada na Quadra” observou-se que apenas instruções foram usadas durante todo o processo de ensino. Em relação à categoria “Critério de Proficiência”, verificou-se que cada treinador estabeleceu seu próprio critério, de acordo com as circunstâncias de cada jogada. Na Etapa 3 (Fase 2) referente ao ensino aos atletas quanto ao uso do tabuleiro, verificou-se que todos os treinadores posicionaram o tabuleiro corretamente em todas as sessões, explicaram o funcionamento do mesmo, isto é, quem seria o jogador correspondente a cada uma das peças e a função de cada um na jogada, e posicionaram corretamente todas as peças do tabuleiro para que as jogadas pudessem ser iniciadas (categoria “Uso do Tabuleiro”). Quanto às categorias “Funcionamento Geral do Tabuleiro” e “Procedimentos para o Ensino da Jogada”, todos os treinadores realizaram as jogadas ensaiadas corretamente, explicaram como os jogadores deveriam movimentar suas peças e usaram de modelação e instrução para o ensino da jogada no tabuleiro. Finalmente, quanto à categoria “Funcionamento Geral” nenhum dos treinadores explicou o que seria uma jogada ensaiada ou o porquê de empregar um tabuleiro para ensiná-la.

As Figuras 2 e 3 apresentam a taxa de comentários feitos pelos três treinadores durante a execução das seis jogadas feitas pelos jogadores na quadra e no tabuleiro nas Etapas 2 e 3 do estudo. Os resultados obtidos foram analisados considerando-se a taxa de respostas (número de ocorrência/tempo da sessão) uma vez que as sessões poderiam ter tempos diferentes. Na Figura 2, são apresentados a taxa de instruções técnicas parciais, as instruções com descrição de consequência, as correções parciais e as correções com descrição

de consequências. Na Figura 3, são apresentados as taxas de elogios parciais, os elogios com descrição de consequência, os encorajamentos e as críticas.

Verifica-se na Figura 2 que a taxa de instruções técnicas parciais é maior que a taxa das instruções com descrição de consequências em todos os casos, independente da ordem na qual as jogadas foram ensinadas. Maior taxa de instruções técnicas parciais é observada nas seguintes jogadas na quadra, que foram as primeiras ensinadas pelos treinadores: JFQ para o Treinador 1, JDQ para o Treinador 2 e JMQ para o Treinador 3. Não houve diferença na taxa de instruções diante de jogadas classificadas como fáceis, médias ou difíceis.

Verifica-se, ainda na Figura 2, que a taxa de instruções técnicas parciais foi maior na condição de ensino na quadra do que na condição de ensino com uso do tabuleiro em relação aos dados do Treinador 1 na jogada classificada como fácil, do Treinador 2 com os três graus de dificuldade e, no caso do Treinador 3, com dificuldade média e difícil. A taxa de instruções com descrição de consequências, as correções parciais e as correções com descrição de consequências foram bastante inferiores ao das instruções técnicas parciais em todos os casos e condições de jogo. No caso do Treinador 1, a taxa máxima de comportamentos dessas três categorias foi de 3,6 Rs/mim (correções parciais). O Treinador 2 emitiu no máximo 1,8 Rs/mim de instruções com descrição de consequências e de correções parciais. O Treinador 3 emitiu 1,2 Rs/mim de correções parciais, que foi a maior taxa dentre os três tipos de comportamentos citados.

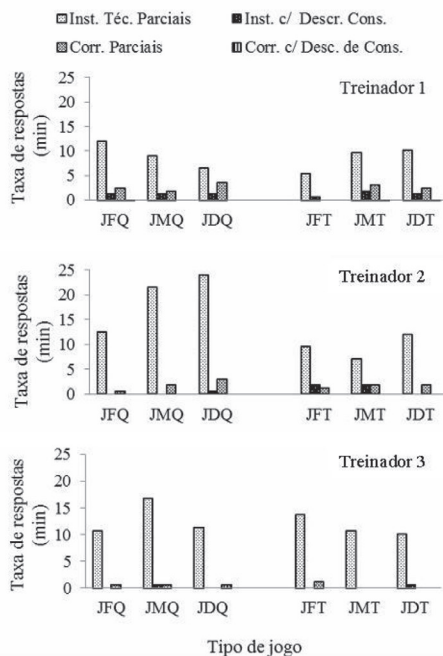


Figura 2. Taxas de comentários referentes às instruções técnicas parciais, instruções com descrição de consequência, correções parciais e correções com descrição de consequências, apresentados pelos três treinadores durante a execução da jogada fácil com ensino direto na quadra (JFQ), jogada fácil com ensino por meio do tabuleiro (JFT), jogada média com ensino direto na quadra (JMQ), jogada média com ensino por meio do tabuleiro (JMT), jogada difícil com ensino direto na quadra (JDQ) e jogada difícil com ensino por meio do tabuleiro (JDT) pelas crianças.

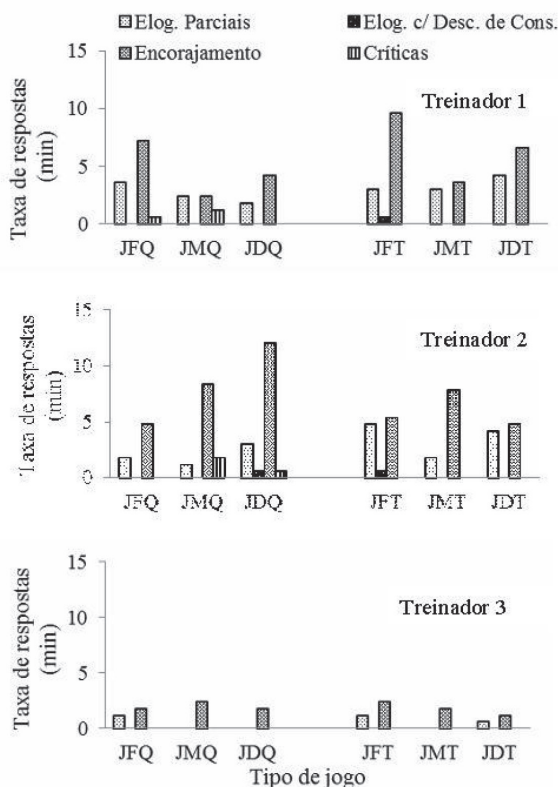


Figura 3. Taxas dos comentários referentes aos elogios parciais, elogios com descrição de consequência, encorajamentos e críticas, apresentados pelos três treinadores durante a execução da jogada fácil com ensino direto na quadra (JFQ), jogada fácil com ensino por meio do tabuleiro (JFT), jogada média com ensino direto na quadra (JMQ), jogada média com ensino por meio do tabuleiro (JMT), jogada difícil com ensino direto na quadra (JDQ) e jogada difícil com ensino por meio do tabuleiro (JDT) pelas crianças.

Ainda em relação ao comportamento dos treinadores, pode-se observar na Figura 3 que a taxa de encorajamento foi maior do que a de elogios parciais, de elogios com descrição de consequências e de críticas. A taxa desse comportamento (encorajamento), no caso do Treinador 1, foi maior nas jogadas ensinadas por meio do tabuleiro, com todos os graus de dificuldade e, no caso dos Treinadores 2 e 3, nas jogadas classificadas com grau de dificuldade médio e difícil. Os elogios parciais foram a segunda categoria de comportamentos mais frequente dentre as que são apresentadas na Figura 3. No caso do Treinador 1, nas jogadas com grau médio e difícil de dificuldade, e no caso do Treinador 2 nas jogadas com todos os graus de dificuldade. O Treinador 3 emitiu esse comportamento com a mesma taxa, tanto nas jogadas fáceis, quanto nas difíceis, na condição de ensino com o tabuleiro. Quanto aos elogios com descrição de consequência verifica-se que eles foram emitidos com frequência baixa por todos os treinadores, não ultrapassando 1R/mim, e as críticas só ocorreram nas jogadas realizadas na quadra e foram apresentadas apenas pelos Treinadores 1 e 2, com taxa variando entre 1,8 e 0,6 Rs/mim.

Na Figura 4 (painel superior) são apresentadas as taxas da categoria “Outros Comportamentos”, apresentados pelas crianças durante o ensino da jogada (fazer brincadeiras, conversar enquanto o treinador explica) nas condições tabuleiro e quadra (Etapa 2 e Etapa 3, Fase 2), e as porcentagens de acertos das jogadas feitas pelos jogadores dos três grupos (painel inferior). Observa-se que a taxa de respostas da categoria “Outros Comportamentos” foi maior na condição de ensino no tabuleiro do que na quadra, exceto pela jogada difícil no caso dos jogadores do Grupo 1 (JDT= 0,78; JDQ=0,48) e pela jogada com grau médio de dificuldade no caso dos jogadores do Grupo 2 (JMT=3,12; JMQ=0,9). Os jogadores do Grupo 2 foram os que apresentaram maior taxa de outros comportamentos em comparação aos demais grupos, com exceção das jogadas JMT e JDQ. Esses jogadores (Grupo 2) foram os que apresentaram as porcentagens de acerto mais altas em comparação aos demais grupos na condição que envolvia as jogadas fáceis na quadra, conforme pode ser observado no painel inferior da Figura 4 –100% de acertos nas jogadas. No entanto, nas condições que envolviam jogadas com grau de dificuldade médio e difícil, esse grupo foi o que apresentou as menores porcentagens de acertos. O melhor desempenho foi o do Grupo 1, que apresentou porcentagens que variaram de 65 a 62 % de acertos.

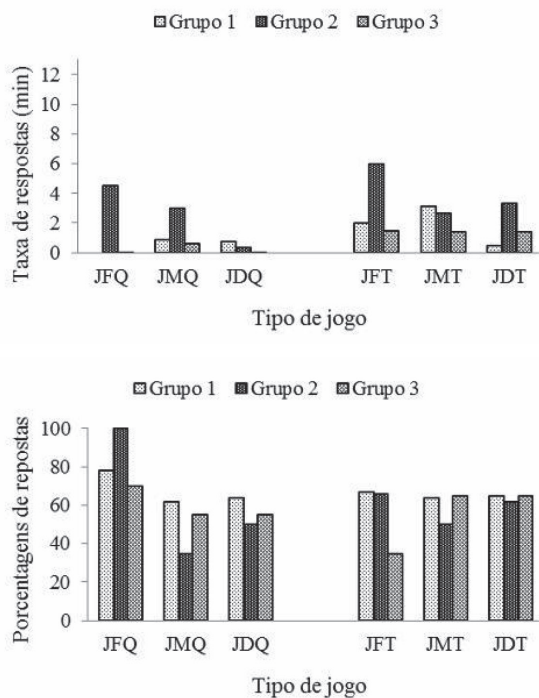


Figura 4. Taxa de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino para os três grupos (parte superior) e porcentagem de jogadas corretas (parte inferior) nas seguintes condições: jogada fácil com ensino direto na quadra (JFQ), jogada fácil com ensino por meio do tabuleiro (JFT), jogada média com ensino direto na quadra (JMQ), jogada média com ensino por meio do tabuleiro (JMT), jogada difícil com ensino direto na quadra (JDQ) e jogada difícil com ensino por meio do tabuleiro (JDT).

DISCUSSÃO

De forma geral, verificou-se que tanto os treinadores quanto os jogadores foram capazes de ensinar as jogadas ensaiadas no tabuleiro e nas quadras. Os treinadores, durante ensino da jogada no tabuleiro, apresentaram menos instruções técnicas parciais e críticas e emitiram mais elogios, apesar de os jogadores terem apresentado maior quantidade de comportamentos concorrentes com o processo de ensino e aprendizagem. Quanto ao desempenho dos jogadores, constatou-se que não houve diferença no número de tentativas para atingir o critério de aprendizagem em ambas as condições, no tabuleiro e na quadra.

A adaptação do jogo de botões permitiu ensinar e executar jogadas ensaiadas selecionadas para o presente estudo, tendo-se observado que, tanto os treinadores quanto os jogadores, usaram esse instrumento de forma apropriada. Durante as sessões nas quadras, os treinadores apresentaram uma quantidade maior de instruções técnicas parciais do que as instruções com descrições de consequências. Esses resultados corroboram os dados de pesquisas anteriores como as desenvolvidas por Belineli et al. (2012), Lima e Souza (2009); Macedo e Souza (2009), nas quais se constatou altas taxas de instruções técnicas parciais emitidas pelos treinadores.

A alta frequência de instruções durante as sessões de treino, neste estudo, que chegaram a 25 Rs/mim (Treinador 2) era esperada, uma vez que, no contexto esportivo, instruções são a principal forma de ensinar comportamentos novos (Macedo & Souza, 2009). Considerando que no presente estudo os jogadores eram crianças de 8 e 9 anos, a alta porcentagem de instruções foi compreendida como condição para aquisição e aperfeiçoamento de habilidades técnico-táticas do futsal. De acordo com Skinner (1966), as instruções facilitam o estabelecimento de comportamentos que requerem um tempo longo para serem modelados por consequências. No contexto esportivo, ainda, as instruções são importantes, pois levam os atletas a ficarem sob controle de aspectos relevantes da tarefa que precisam realizar. Contudo, quando empregadas em excesso, as instruções podem impedir comportamentos criativos de atletas mais jovens, que ficam esperando as orientações para agir (Macedo & Souza 2009). Assim, embora as instruções sejam desejadas nesse contexto, o treinador deve usá-las em momentos apropriados e saber quando substituí-las pelo controle pelas consequências. Ressalta-se que neste artigo avaliou-se o ensino de jogadas ensaiadas e, nesse contexto, a repetição do que foi ensinado e não necessariamente outros comportamentos (criatividade) eram esperados, confirmando a importância das instruções dadas pelo treinador durante o processo de ensino.

Nas jogadas ensaiadas, a quantidade de instruções técnicas parciais foi maior quando o ensino ocorreu no tabuleiro (Treinador 1 – fácil; Treinador 2 – fácil, média e difícil; Treinador 3 - média e difícil) do que nas jogadas ensinadas diretamente na quadra. Isso pode ter acontecido porque, enquanto na condição de ensino na quadra havia a instrução sobre como a jogada deveria ser realizada, seguida da tentativa de realização da jogada pelo jogador, na condição com o tabuleiro, as instruções eram dadas durante o ensino da jogada. Ou seja, na condição tabuleiro as instruções estavam presentes durante todo o procedimento, o que poderia justificar a maior taxa de instruções nessa condição.

Ainda com relação ao comportamento dos treinadores, verificou-se que foram emitidas taxas de respostas mais altas e mais frequentes de encorajamento do que de críticas. O comportamento de criticar, na maioria das vezes se caracteriza como uma punição, sendo o comportamento daquele que critica reforçado com a redução dos comportamentos indesejados daquele que recebeu a crítica. Por isso, as críticas podem ser úteis em situações em que um comportamento indesejável deve deixar de ocorrer ou ocorrer com menor frequência. No entanto, deve-se considerar que, conforme apontou Martin (2001), as críticas produzem efeitos colaterais, como medo, falta de iniciativa, inibição, desistência da prática do esporte, assim como tentativas de aliviar ou escapar da ação corretiva. Além disso, as críticas não são efetivas para a mudança de comportamentos dos atletas, porque não descreverem o comportamento esperado. Ressalta-se que apesar da baixa taxa de críticas apresentadas pelos treinadores, em ambas as condições (tabuleiro, quadra), na condi-

ção de ensino na quadra, a taxa de críticas foi maior que na condição de ensino com o tabuleiro. Na condição de ensino com o tabuleiro, além do comportamento dos jogadores, o treinador deveria estar atento também ao tabuleiro com suas peças e as movimentações delas para que o ensino da jogada ocorresse. Na condição de ensino na quadra, contudo, por não haver outros eventos concorrentes no ambiente, o comportamento do treinador pode ter ficado mais sob controle do comportamento dos atletas e isso ter aumentado o número de críticas nessa condição. Outra hipótese que poderia explicar a maior taxa de outros comportamentos na condição tabuleiro diz respeito às demandas da situação. Na condição de ensino na quadra, enquanto o treinador explicava a jogada, os jogadores deveriam se movimentar de acordo com as instruções que eram dadas por ele. Para que realizassem a movimentação correta e com isso evitassem erros e broncas do treinador, era preciso que eles prestassem atenção às instruções dadas pelo treinador, diminuindo a probabilidade de comportamentos concorrentes com as jogadas ensaiadas, os “outros comportamentos”. Na condição de ensino por meio do tabuleiro, embora elas devessem atentar para as explicações dadas pelo treinador, a resposta motora exigida era a movimentação de uma peça do tabuleiro e não sua movimentação no espaço. A diferença nas demandas da tarefa pode ter facilitado a ocorrência de “outros comportamentos”.

Em situações de ensino, a emissão de “outros comportamentos” pode ser reforçadora para aquele que está aprendendo e punitiva para aquele que está ensinando, dependendo das contingências em vigor. Contudo, considerando o desempenho dos participantes na execução das jogadas, a ocorrência desses comportamentos não prejudicou o aprendizado dos jogadores, pois o Grupo 2, que apresentou maior frequência desses comportamentos, emitiu porcentagens de jogadas corretas comparáveis aos demais grupos e até mais altas, como na condição JFQ (100% de acertos). A emissão de taxas mais altas de “outros comportamentos” na condição de jogadas no tabuleiro pode significar ainda que a condição de ensino com o tabuleiro possibilitava maior oportunidade para a ocorrência de interação entre os jogadores. Esse aspecto pode ter gerado maior envolvimento com a tarefa e maior porcentagem de acertos e, conseqüentemente, maior frequência de elogios por parte do treinador. Na condição de ensino na quadra, a interação entre as crianças era dificultada pela demanda da situação, como exposto anteriormente.

Em relação aos elogios, houve maior frequência de elogios parciais nas jogadas com o uso do tabuleiro do que na quadra. Os elogios como consequência de comportamentos podem fortalecer os comportamentos-alvo e se caracterizarem como reforços positivos (Skinner, 1953/1981). A maior quantidade de elogios na condição de ensino por meio de tabuleiro, a apresentação de encorajamento após erros e a menor taxa de críticas nessa condição, pode ter proporcionado um ambiente mais favorecedor para o aprendizado.

No final da coleta de dados, o pesquisador pediu às crianças e aos treinadores que avaliassem o trabalho desenvolvido. Foi feita a seguinte pergunta: “O que vocês acharam do uso do tabuleiro para o ensino das jogadas?”. Sem exceções, todas as crianças dos três grupos apontaram argumentos consistentes em favor do uso do tabuleiro, como “*É mais legal porque é maior, dá pra mexer*”, “*É legal porque a gente gosta de futebol*”, “*Eu gostei*”, etc.

Apesar da avaliação positiva das crianças, os treinadores fizeram críticas sobre a dificuldade de transporte e sobre a possibilidade de alocar o tabuleiro nos ambientes de treino, e quanto ao fato de ter muitas peças que podem ser perdidas. Diante dessas críticas, sugere-se que modificações do tabuleiro poderiam ser feitas a fim de torná-lo mais fácil de transportar e manusear, uma vez que seu uso permitiu o ensino da jogada com uma taxa menor de críticas e uma taxa maior de elogios. Apesar de o uso do tabuleiro se mostrar uma ferramenta que possibilitou o ensino das jogadas ensaiadas, alguns pontos deste estudo merecem ser destacados. São eles: (a) novas investigações com um número de treinadores maior do que três poderiam fortalecer e ampliar os resultados obtidos nesta pesquisa; (b) os jogadores deste estudo participavam de campeonatos e pertenciam às melhores equipes de seus colégios/clubes, o que provavelmente contribuiu para um melhor desempenho e aprendizado das jogadas ensaiadas, assim sugere-se que desenvolver estudos com participantes iniciantes no futsal, provavelmente permitirá avaliar de maneira mais efetiva o efeito do

uso do tabuleiro; (c) com base no relato dos treinadores, poderiam ser feitas adaptações no tabuleiro (tabuleiros menores e mais leves, por exemplo) que o tornasse uma ferramenta mais funcional aos treinadores; (d) outros estudos poderiam investigar se os mesmos resultados seriam obtidos se fosse trabalhado com um maior número de jogadas. Mudanças como as sugeridas aqui possibilitarão avaliar se o tabuleiro tem característica de desenvolver comportamentos pré-requisitos, como a aprendizagem das regras do jogo em geral e das jogadas ensaiadas em particular, e ampliar o número de estudos que investigam novas tecnologias para o ensino de diferentes repertórios comportamentais.

REFERÊNCIAS

- Belineli, L. F., Kanamota, J. S. V., Silvestrine, A. L. R., Azevedo, A. M. de S., & Jacob, A. P. (2012). Comentários de um treinador de futebol em condições de treino e competição. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 14, 36-47. Recuperado de: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/506/356>
- Canto, A. R., & Zacarias, M. A. (2009). Utilização do jogo Super Trunfo Árvores Brasileiras como instrumento facilitador no ensino de biomas brasileiros. *Ciências e Cognição*, 1, 144-153. Recuperado de: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/44/34>
- Cillo, E. N. P. (2002). *Análise de jogo no basquetebol: dois estudos a partir da análise do comportamento aplicada ao esporte* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Recuperado de <http://bdtd.ibict.br/pt/inicio.html>.
- Costa, A. L. C., & Nascimento, J. V. (2004). O ensino da técnica e da tática: Novas abordagens metodológicas. *Revista de Educação Física*, 15, 115-129. doi: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfisv15n2p49-56>
- Ferreira, T. S. (2011). *Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para o ensino de jogada ensaiada em basquete com cadeira de rodas* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina). Recuperado de: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/list.php?tid=21>
- Fukuda, J. P. S., & Santana, W. C. (2012). Análise dos gols em jogos da Liga de Futsal 2011. *Revista Brasileira de Futsal*, 4, 62-66.
- Graça, A. B. S. (1997). *O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol*. (Tese de Doutorado, Universidade do Porto). Recuperado de: http://sigarra.up.pt/up_uk/web_gessi_docs.download_file?p_name=F1368788598/repositorio-vpreliminar.pdf.
- Hernández-Moreno, J. (1998). *Fundamentos del deporte: Análisis de las estructuras del juego deportivo* (2ª ed). Barcelona: INDE.
- Leite, W. S. S. (2012). Analysis of the offensive process of the portuguese futsal team. *Pamukkale Journal of Sport Sciences*, 3, 78-89. Recuperado de <http://psbd.pau.edu.tr/index.php/pjss/article/view/91>
- Lima, P. V., & Souza, S. R. (2009). O treinador esportivo e as categorias de base: Os efeitos de uma intervenção sobre os comentários feitos por treinadores durante eventos competitivos. In S. R. Souza, & V. B. Haydu (Eds.), *Psicologia comportamental aplicada: Avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação* (pp. 211-228). Londrina: EDUEL.
- Macedo, R. H., & Souza, S. R. (2009). Análise dos comentários dos treinadores durante competição infantil. In S. R. Souza, & V. B. Haydu (Eds.), *Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação* (pp. 197-210). Londrina: EDUEL.
- Marques Jr., N. K., & Silva, V. F. D. (2008). O efeito da visão periférica na zona dos gols do futsal: Treino de visão periférica. *Revista de Educação Física*, 143, 18-27. Recuperado de: <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/feff/article/view/250/201>
- Martin, G. L. (2001). *Consultoria em Psicologia do Esporte: Orientações práticas em Análise do Comportamento*. Campinas: Instituto de Análise do Comportamento.

- Moreira, V. J. P., & Greco, J. P. (2005). Estruturação dos treinos segundo o processo metodológico de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base do futsal. *Revista Mineira de Educação Física*, *14*, 13-28.
- Polidoro, L., Bianchi, F., Di Tore, P.A., & Raiola, G. (2013). Fustal training by video analysis. *Journal of Human Sport & Exercise*, *8*, 290-296. doi:10.4100/jhse.2012.8.Proc2.31
- Santana, W. C. (2008). *Futsal: Apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização*. (2ª ed.). Campinas: Autores Associados.
- Skinner B. F. (1966). An operant analysis of problem solving. In B. Kleinmuntz (Ed.), *Problem solving: Research, method and theory* (pp. 133-171). New York: John Wiley & Sons.
- Skinner, B. F. (1981). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1953).
- Smith, R. E., & Smoll, F. L. (1991). Behavioral research and intervention in youth sports. *Behavior Therapy*, *22*, 329-344. doi.org/10.1016/S0005-7894(05)80370-3
- Smith, S. L., & Ward, P. (2006). Behavioral interventions to improve performance in collegiate football. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *39*, 385-391. doi: 10.1901/jaba.2006.5-06
- Sousa, C., Cruz, J., Torregrosa, M., Vilches, D., & Viladrich, C. (2006). Evaluación conductual y programa de asesoramiento personalizado a entrenadores (pape) de deportistas jóvenes. *Revista de Psicología del Deporte*, *15*, 263-278.
- Souza, S. R. de, & Hübner, M. M. C. (2010). Efeitos de um jogo de tabuleiro educativo na aquisição de leitura e escrita. *Acta Comportamental*, *18*, 215-242. Recuperado de: <http://www.journals.unam.mx/index.php/acom/article/view/27993/pdf>
- Sudo, C. H., & Souza, S. R. (2012). Intervenção comportamental para treinadores no uso do estabelecimento de metas no tênis. *Estudos de Psicologia*, *29*, 563-576. doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400011
- Tavares, F. (1996). Bases teóricas da componente tática nos jogos desportivos colectivos. In J. Oliveira, & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos* (pp. 25-32). Porto: FCDEFUP.

Received: December 13, 2013

Accepted: July 15, 2014